

Uma scena da peste de Milão em 1630. — Desenho de Marmocchi. — Gravura de Coelho.

Esta gravura é a copia d'um bello e primoroso desenho do distincto pintor italiano G. Marmocchi, que elle offereceu ao illustrado e erudito consul da Austria em Faro, Doutor Justino Cumano, grande appreciador de bellas-artes, e verdadeiro e antigo amigo do eximio artista.

No primeiro relance, desde logo se reconhece que estamos na Italia, e n'uma cidade italiana, e que aquelle carro lugubre que se arrasta vagarosamente pelas ruas sombrias e despovoadas conduz ao cemiterio as victimas d'algum flagello excepcional, que devasta e rarêa a população.

É uma scena da peste de Milão em 1630, que Manzoni nos descreve no seu admiravel romance *Promessi sposi*, e de que o artista se inspirou, idealisando-a n'uma composição, que o proprio auctor contemplaria com enthusiasmo.

Não são hoje estranhos a ninguem os espectaculos d'uma epidemia. A d'aquella epocha excedeu nos quadros de horror tudo quanto se poderia conceber de medonho e de terrivel.

As scenas da morte juntaram-se as scenas d'uma cruel desordem, que nenhuns esforços, por mais energicos, podiam impedir. Os homens empregados no serviço funebre (*monatto*) converteram-se em dominadores tyrannicos da cidade, e roubavam as casas, arrancavam da cama os doentes ainda semi-vivos, violavam as mulheres, e pelo terror que incutiam na população, contribuiam ainda mais para desenvolver e exacerbar o tremendo contagio.

Os moradores recusaram-se, por fim, a abrir as suas portas aos malvados *monattò*, que assim abusavam do ascendente que a desgraça lhes fizera adquirir, e lançavam os cadaveres á rua, onde ficavam expostos á corrupção durante muitos dias, dando novo pasto á peste, que não se saciava no seu implacavel e continuo exterminio.

Manzoni, para suavisar talvez as impressões d'uma narração tão afflictiva, appresentou-nos este episodio, que vamos traduzir, o qual serve de assumpto ao desenho do sr. Marmocchi, e á gravura que o reproduz.

« Descia pelos degráos d'uma das casas, e caminhava para o prestito funebre uma senhora, cujo aspecto denunciava uma mocidade já adiantada, mas ainda florescente: o seu rosto, d'uma belleza um pouco apagada e desfallecida, revelava uma grande paixão, e uma mortal languidez: era do genero d'aquellas bellezas em que se distingue o sangue lombardo, um mixto de frouxidão e de magestade.

« O seu andar, apesar de mostrar fadiga, era firme: nos olhos não se divisavam lagrimas, mas bem pareciam ter derramado rios d'ellas. Havia na sua dor um não sei que de brando, de piedoso e de profundo, que mostrava quanto ella se apoderára da sua alma.

« Mas não era só o seu aspecto, no meio de tantas miserias, que a recommendavam especialmente á compaixão, e faziam reviver em quem a via esse sentimento de piedade quasi amortecido e extincto nos corações endurecidos por tantos espectaculos de morte.

« Trazia ao collo uma criança, que teria pouco mais ou menos nove annos: estava morta; mas mui bem arranjada, com os cabellos apartados ao meio da testa, com um vestido alvissimo; parecia que aquellas mãos a tinham enfeitado para uma festa que lhe fôra promettida para a premiar.

« Conservava-a estendida, mas encostada sobre um dos braços, com o peito encostado ao peito; julgar-se-hia viva, se uma mãosinha branca, como cera, não pendesse para o lado, com apparencias de inanimada: a sua cabeça repousava no hombro de sua mãe, com um abandono superior ao somno; mãe lhe chamámos nós, porque, se a similhança das physionomias o não denunciasse, tel-o-hia revelado a que ainda podia exprimir um sentimento.

« Um dos torpes guardas (*monatto*) caminhava para lhe tirar a criança dos braços, sem todavia deixar de exprimir nos gestos uma involuntaria hesitação, um insolito respeito. Mas a senhora, recuando um pouco, sem mostras de desdem ou desprêzo, disse: « Não, não lhe toques por em quanto: sou eu que a hei de levar ao carro: toma. Proferindo estas palavras, abriu a mão, fez ver uma bolsa, e deixou-a cair n'outra que o guarda (*monatto*) lhe estendeu. Depois proseguiu: « Promette-me que lhe não tirarás do que leva nem um fio, nem consentirás que outro qualquer de teus companheiros se atrevam a fazel-o, e põe-na na cova tal qual está.

« O guarda (*monatto*) levou a mão ao peito, como protésto de que obedeceria; e depois, diligente e quasi attencioso, mais pelo sentimento que o dominava, do que pela inesperada recompensa, abriu logar no carro para a mortasinha.

« A mãe, dando-lhe um beijo na testa, collocou-a alli como sobre um leito, accommodou-a com cuidado, lançou-lhe por cima um panno branco, e proferiu estas derradeiras palavras: « Adeus! Cecilia! descança em paz! Esta noite nós havemos tambem de vir para ficarmos sempre juntas. » Depois, voltando-se outra vez para o guarda (*monatto*), tu, disse, quando passares aqui pela tarde, has de vir tomar-me a mim, e não a mim só!

« Proferindo estas palavras entrou em casa, e d'alli a um momento, appareceu á janella, tendo no collo uma outra menina mais pequena, viva ainda, mas com todos os signaes da morte no rosto. Esteve a contemplar as exequias de sua primeira filha, em quanto o carro não partia, em quanto o pôde ver: depois desappareceu.

« E que outra cousa podia fazer senão pousar no leito a unica filha que lhe ficava, e conservar-se ao lado d'ella, para morrerem juntamente? como a flor que se agita orgulhosa sobre a haste, que cáe de envolta com a florsinha ainda em botão, ao correr da fouce que indistinctamente ceifa todas as hervas do prado. »

Ficaria pallida qualquer analyse que quizessemos fazer, depois d'este quadro do insigne poeta, que a Italia admira como um dos seus maiores escriptores nos tempos modernos.

É um pintor italiano que traduz, n'um mimoso e inspirado desenho, o pensamento do seu compatriota. Proscripto da sua terra, o artista parece contemplar, entre lagrimas e lucto, essa augusta mãe das nações latinas, que a fatalidade dos acontecimentos pôde despojar da sua independencia, mas nunca da sua gloria.

Qual é o paiz que a Italia possa invejar, apesar de abatida e dominada pelos estrangeiros, quando é a patria de Dante e Petrarca, de Miguel Angelo e Raphael, de Machiavelio e de Vico, e ainda, n'este seculo, de Volta e Manzoni, de Ugo Foscolo, e de Guerrzzi?

O nosso amigo G. Marmocchi é natural de Florença, e o que lhe podêmos desejar é que se realisem os votos que o eminente critico e historiador inglez M. Macaulay fez pela sua infeliz patria, no seu ensaio sobre Machiavelio:

« Na egreja de Santa-Croce erigiu-se um monumento á sua memoria (de Machiavelio) que é contemplado com reverencia por todos aquelles que podem distinguir os dotes d'uma grande intelligencia das devassidões d'uma epocha degenerada, e approximar-se-hão d'elle com muito maior respeito, quando o pensamento a que elle sacrificou a sua vida se tiver conseguido; quando o jugo estrangeiro for despedaçado, quando um segundo Porcida vingar os aggravos de Napoles, quando um mais feliz Rienzi restaurar o antigo estado de Roma, quando as ruas de Florença e Bolonha possam resoar outra vez com o seu antigo grito de guerra: *Popolo: popolo: muoiano i tiranni!* »

A. P. LOPES DE MENDONÇA.

A MULHER

NAS DIVERSAS RELAÇÕES DA FAMILIA E DA SOCIEDADE.

(Paginas vertidas dos *Apontamentos para um Livro*, de D. Severo Catalina).

II.

O ORGULHO.

(Continuação.)

A formosura não é, como se disse, um laço armado pela natureza á razão.

Porque a formosura vae ou não acompanhada da virtude e do talento.

No primeiro caso, longe de ser um laço, é um thesouro. Não ha maior dita na terra do que deixar-se prender em taes redes. No segundo caso, ou a razão não é razão, ou o laço é completamente inutil.

Á belleza, que é belleza simplesmente; mais claro, á belleza simples, a intelligencia admira-a; talvez o coração a siga; porém a razão, a fria razão compadece-se d'ella.

Eguaes affectos inspiram, salvo o da compaixão, e salvo que são mais bellas, as virgens de Raphael e as estatuas de Belvedère.

Todos os homens sonharam amor alguma vez na vida, uns adormecidos, outros acordados.

Os que sonham acordados ouvem uma voz delicada no vago rumor do zephyro que brinca por entre as arvores; se deslisa melancolicamente no espaço alguma estrella perdida, n'ella vêem o olhar de um anjo que surprehende os segredos do seu espirito; se chega até elles a aura embalsamada dos campos, aspiram n'ella um halito embriagador: é que ha um ser ideal que lhes falla na linguagem das brisas, fita-os com a luz das estrellas, e envia-lhes o seu halito de vida na aura embalsamada dos campos.

Digamos a esses bemfadados sonhadores, que o anjo dos seus sonhos não é um anjo; digamos-lhes com Argensola, que a sua belleza não é mais certa e mais effectiva que a belleza azul do vasto horisonte; e uma por uma cairão murchas as illusões do seu coração; e se as illusões do seu coração não cairem murchas desde logo, o sôpro gelado da razão conseguirá desprendel-as, offuscal-as e derramal-as de redemoinho em redemoinho.

Por mui poderosa que seja a arma da belleza, infeliz mulher aquella que só a esse recurso deva o triumpho alcançado sobre um homem.

O seu triumpho não durará mais do que a lisura da sua fronte e o brilho fulgurante dos seus olhos.

As conquistas da belleza são falsas conquistas; aprisionam só o coração, que é como se dissessemos, a metade do inimigo.

A outra metade, a intelligencia, que fica livre, não tarda muito em conseguir o resgate absoluto do captivo.

Não esqueçam as mulheres que o pudor é o companheiro mais sympathico das graças.

Não esqueçam, por ultimo, que da violeta humilde se desprende mais aroma, que da soberba dalia.

III.

O orgulho que se funda na nobreza é uma especie de orgulho contraproducente; é um orgulho que toca já nos limites da *vaidade*.

Para o demonstrar são indispensaveis algumas explicações prévias.

Não vamos escrever um tratado ácerca da nobreza; quer seja, como pretendem uns, o privilegio do ceo; quer seja, como suppõem outros, o direito de usofruir um capital em pergaminho, que não circula no commercio, cremos piamente que rir dos nobres de avoengos, tão sómente porque o são, revelará sempre um democratismo estupido; assim como venerar os nobres pela sua unica qualidade de taes, será sempre um servilismo repugnante.

Temos por verdade innegavel, que aspirar ao respeito e á estima só pelo titulo de nobre, é querer buscar na raiz o fructo que se deve colher no ramo.

Porque é preciso convir que não é de todo impossivel ver riachos que, partindo de manancial puro e cristallino, se arrastam depois turvos e lodosos.

Cada vez nos parece mais acertada e feliz a maxima antiga de que, assim como a egreja applica aos defunctos os meritos dos vivos, assim entre certos nobres se applicam aos vivos os meritos dos defunctos.

Uma familia, lemos em certo precioso livro, não póde ser mais antiga do que outra; porque, se os filhos são contemporaneos, tambem haviam de ser contemporaneos os paes. Esta proposição é mais subtil e engenhosa, que conveniente: a questão de nobreza não é só uma questão de chronologia.

No conceito de uns, nascer nobre é uma fortuna: é a fortuna que segue a de nascer rico.

No conceito de outros, nascer nobre é uma desgraça, quasi tanta desgraça como nascer pobre na metade do seculo XIX.

A razão d'estes ultimos é mui simples. Ha appellidos que impõem deveres de difficillimo cumprimento; deveres na virtude, nas armas, nas sciencias, na politica. Nem a todos é dado serem genios. Se se não póde ser querendo, demonstra-se a decadencia da raça; se não se usam os meios para continuar o seu brilho, deshonra-se os antepassados, commette-se um parricidio: o appellido então é uma accusação constante; os pergaminhos um processo.

O titulo de nobre tem sido ordinariamente presumpção forte de boas qualidades; optima recommendação para dar entrada no mundo; por isso se diz: *gaudeant benè nati*.

As paginas mais gloriosas da historia de Hespanha acham-se esmaltadas com appellidos illustres que hoje brilham ainda, e brilham, se póde ser, com resplendores mais vivos, engastados na virtude, no talento ou na belleza.

Ninguem esqueça, e em especial as mulheres, que a nobreza sem virtudes é luz que allumia cada vez mais os defeitos de quem a possue.

A nobreza com a virtude fórma a aureola de gloria, cinge a fronte dos dignos.

O Salvador do mundo quiz nascer de estirpe regia.

Esta noticia parecerá talvez fóra de tempo; porém o auctor consigna-a para algum democratico fanatisado, que por ventura leia estes *Apontamentos*.

Se o auctor, apesar da sua pequenez, podesse, nas azas do seu bom desejo, acercar-se da verdadeira nobreza d'alma, só uma pena o atormentaria.

A pena de não ter nascido *nobre*.

Ora, agora afflige-o ainda outra pena; a de ter feito demasiado larga esta digressão.

Applicando, pois, a doutrina, sempre resultará que a nobreza é uma condição que a mulher deve estimar no que vale; porém que não constitue o seu merito proprio; ao contrario é a sombra que projectam antigos meritos, que quanto mais longinquos, mais parece que agigantam essa sombra; maiores titulos gozam ao respeito geral.

E a mulher deve buscar em si mesma, nos seus dotes especiaes, nunca nos geraes d'um appellido, que ao mesmo tempo podem trazer cem individuos, o thesouro dos seus attractivos, a chave que ha de franquear-lhe mais cedo ou mais tarde as portas da vida.

A nobreza, no caso presente, póde considerar-se unicamente como arma de reserva. A mulher bella tem bastante com a sua formosura; se além d'esse dom, Deus lhe outorgou o do talento, não ha mister de brazões nem de pergaminhos para alcançar triumphos que a lisongeiem, para construir com um milheiro de coroas o pedestal do seu orgulho.

Mui bem comprehende e sabe a mulher de talento que os pergaminhos mais authenticos são aquelles que brazonam o amor e a virtude.

O orgulho que se funda no berço, não póde ser mais innocente; todavia, preferimol-o ao que se funda na riqueza, porque este, sobre ser mais vulgar, começa por apparecer ridiculo, e acaba por tornar-se insupportavel.

Basta por agora de orgulho; talvez ainda tenhamos occasião de, em subsequentes artigos, darmos mais largueza a estas idéas.

Recapitulemos:

As duas fontes principaes do orgulho são a formosura e a nobreza.

O orgulho exaggerado, que se funda nos timbres da formosura, ainda que é mais toleravel, não é menos injusto do que o que se funda exclusivamente nos timbres do berço.

Aquelle tem por base *o que é*.

Este tem por base *o que foi*.

Por isso o primeiro é mais toleravel.

Aquelle allega titulos alheios, ainda que fortes.

Este apresenta titulos proprios, porém fraquissimos.

Por isso diremos que ambos são injustos.

(Continúa).

BRITO ARANHA.

Todos os esforços empregados para animar Diogenes contra os seus difamadores, eram inuteis. «Elles escarnecem-me, dizeis vós, respondia Diogenes aos semeadores da discordia, que andavam sempre a excogitar a maneira por que haviam de perturbar a tranquillidade d'este philosopho; mas eu não me sinto escarnecido.»

BELLEZAS DA DOUTRINA DE CONFUCIO E MENCIO.

No momento em que o Oriente parece acordar do seu somno secular ao ruido das potencias europeas, não é, talvez, inutil fazer conhecer as obras do maior philosopho moralista d'este vasto e maravilhoso paiz, cuja origem toca no berço do mundo, como toca no berço do sol. É o melhor meio de conhecer um dos phenomenos mais extraordinarios que apresenta a historia do genero humano.

No Oriente, como na maior parte dos paizes do

globo, mas no oriente sobre todos, o solo ha sido profundamente retalhado por essas numerosas revoluções que mudam a face dos imperios. Durante o periodo de quatro mil annos, grandes nações se hão erguido repletas de brilho e poder sobre a vasta scena do mundo. A maior parte desceram ao tumulo com os monumentos da sua civilisação, ou deixaram, apenas, sumidos traços da sua passagem: tal é o antigo imperio de Dario, cuja antiga legislação nos foi, em parte, conservada pelos escriptos de Zoroastro, e da qual se procura agora achar os curiosos e importantes vestigios nas inscripções cuneiformes de Babylonia e Persépolis. Tal é a dos Pharaós, que, antes de sepultar-se debaixo das eternas pyramides, havia lançado á posteridade, como n'um desafio, o enigma de sua lingua figurada, da qual o genio moderno, depois de dois mil annos de tentativas infructuosas, principia em fim a levantar o véo. Mas outras nações, contemporaneas d'estes grandes imperios, resistiram através de todas as revoluções que o tempo e os homens hão feito em proximo de quarenta seculos. Permanecendo de pé e immutaveis, quando tudo em torno d'ellas se revolvia e transformava, assimilham-se a esses rochedos escarpados que as ondas do mar batem desde o dia da creação, sem poder sequer abalal-os, testimunhando assim a impotencia do tempo para destruir o que, apenas, é obra dos homens.

Na verdade, que phenomeno extraordinario não é esse que as nações chineza e indiana nos apresentam conservando-se immoveis, desde a mais remota origem das sociedades humanas, sobre a scena tão mudavel do mundo!

A civilisação chineza é, sem duvida alguma, a mais antiga civilisação da terra. Remonta authenticamente, isto é, segundo os documentos da historia chineza, a 1.200.000 annos antes da nossa era. Os documentos compilados no *Chou-king*, ou *Livro por excellencia*, principalmente nos primeiros capitulos, são os mais antigos da historia dos povos. Verdade é que o *Chou-king* foi coordenado por KHOUNG-FOU-TSEU (CONFUCIO), na segunda metade do seculo sexto antes da nossa era; mas este grande philosopho, que tinha um tão profundo respeito pela antiguidade, não alterou os documentos que colleccionou. De mais, para os sinologos, o estilo d'estes documentos, que differe tanto do estilo moderno, como o estilo das doze taboas differe do de Cicero, é uma prova incisiva da sua antiguidade.

O que mui profundamente deve admirar na leitura d'este bello monumento d'antiguidade, é a subida razão, o sentido eminentemente moral que ahi respira. Os auctores d'este livro, e os personagens que n'elle discursam, possuiam forçosamente uma grande cultura moral, difficil d'exceder, mesmo nos nossos dias. Esta grande cultura moral, limpa de crenças impuras, como, por exemplo, da crença nos signaes e sortes, é um facto muito importante para a historia da humanidade; porque, ou esta grande cultura moral era o fructo d'uma civilisação adiantada, ou o producto espontaneo d'uma natureza eminentemente recta e meditadora: n'um e outro caso, o facto não é, por certo, menos digno das meditações do philosopho e do historiador.

As idéas contidas no *Chou-king* sobre a divindade, sobre a benefica influencia que esta exerce constantemente nos successos do mundo, são muito puras e dignas, em todo o sentido, da mais sã philosophia. Ahi se nota, sobre tudo, a intervenção constante do ceo ou da razão suprema nas relações dos principes com as populações, ou dos governos com os governados; e esta intervenção é sempre em favor dos ultimos, isto é, do povo. O exercicio da soberania, que nas nossas sociedades modernas não é outra cousa senão a exploração do maior numero em proveito de alguns, no *Chou-king* é o complemento religioso de um mandato celeste em proveito de todos, uma nobre e grande missão confiada ao mais dedicado e digno, que se retira ao mandatario desde o momento em que faltou ou trahiu o espirito do seu mandato. Em parte alguma, talvez, os direitos e deveres respectivos de reis e povos, de governos e governados, se uniram de maneira tão elevada, tão digna, tão conforme á razão.

Vejamos como o grande axioma da democracia moderna: *vox populi, vox Dei*, «a voz do povo é a voz de Deus,» se acha formulada n'esse livro tão remoto, no fim do capitulo *Kao-yao-mo*, § 7:

«Tudo quanto o ceo vê e ouve é o que o povo vê e ouve. Tudo quanto o povo julga digno de recompensa e punição é o que o ceo pune e recompensa. Entre o ceo e o povo ha uma communicação intima. Que todos os que governam os povos sejam activos e previdentes.» Acha-se tambem formulada no *Ta-hio* ou o *Grande Estudo*, cap. x, § 5, por este modo:

«Obtem a affeição do povo, e obterás o imperio;

«Perde a affeição do povo, e perderás o imperio.»

Daria para muitos volumes a compilação de todos os axiomas similhantes que recheam os livros chinezes, modernos e antigos; e, devemos dizel-o, não se encontra em todos os escriptores politicos e moraes da China, cujo numero é incomparavelmente superior á somma dos escriptores politicos e moraes, antigos e modernos, das outras nações, um só que houvesse tido a ousadia, para não dizer a impiedade, de negar os direitos de todos os dons de Deus, isto é, as vantagens que resultam da reunião do homem em sociedade, e de os revindicar em proveito de um só ou de um pequeno numero. O poder mais absoluto que os escriptores politicos e moralistas chinezes hão reconhecido nos chefes do governo, nunca foi outro, senão um poder delegado pelo ceo ou a razão suprema absoluta, senão um poder exercido no interesse de todos, para o bem de todos, e jámais o contrario. Infranqueaveis limites moraes se antepõem a este poder absoluto, e quando algum ministro ou soberano os ultrapassasse, quando violasse estas leis moraes, quando abusasse do seu mandato, então, como disse um celebre philosopho chinez do decimo segundo seculo da nossa era, TCHOU-HI, no seu commentario sobre o primeiro dos *Quatro Livros classicos da China*, cultivado em todas as escholas e collegios do imperio, o povo ficaria, por tal facto, desligado de todo o respeito e de toda a obediencia a esse mesmo poder, que seria destruido immediatamente, para dar logar a um outro poder legitimo, isto é, exercendo-se unicamente nos interesses de todos.

Taes são as doutrinas que palpitam no *Chou-king* ou *Livro sagrado por excellencia*, bem como nos *Quatro Livros classicos* do grande philosopho KHOUNG-TSEU e seus discipulos. Estes livros, tão reverenciados como os mais venerados livros das outras partes do mundo, e consagrados pela sancção de gerações e populações immensas, formam a base do direito publico, hão sido explicados e commentados pelos mais celebres philosophos e moralistas, e são de um estudo continuo para todos aquelles que desejam ainda possuir o conhecimento das unicas grandes verdades moraes que fazem a prosperidade e felicidade das sociedades humanas.

KHOUNG-FOU-TSEU (a quem os missionarios europeus, fazendo-o conhecer e admirar á Europa, chamaram CONFUCIO, latinisando-lhe o nome) foi, não o primeiro, mas o maior legislador da China. Foi elle que colleccionou e ordenou, na segunda metade do seculo VI antes da nossa era, todos os documentos religiosos, philosophicos, politicos e moraes, que existiam no seu tempo, formando um corpo de doutrinas, sob o titulo de *Y-king*, ou *Livro sagrado das*

permutações; Chou-king, ou *Livro dos Versos; Li-ki*, ou *Livro dos Ritos*. Os *Sse-chou*, ou *Quatro Livros classicos*, são os ditos e maximas do philosopho colleccionados por seus discipulos. Se se póde julgar do valor de um homem e do poder das suas doutrinas pela influencia que hão exercido sobre as populações, póde-se, com os chinezes, chamar a KHOUNG-TSEU *o maior instituidor do genero humano que os seculos tem produzido!*

Na verdade, basta ler as obras d'este philosopho para ser da opinião dos chinezes. Admira, realmente, achar nos escriptos de KHOUNG-TSEU a expressão de uma tão alta e virtuosa intelligencia, bem como de uma tão adiantada civilisação. É, principalmente, no *Lûm-yù* ou *Entretenimentos philosophicos*, que se manifesta a bella alma de KHOUNG-TSEU. Onde encontrar maximas mais sublimes, idéas mais nobres e elevadas? Não nos deve surprehender o enthusiasmo, egual ao dos chinezes, que os missionarios europeus, os primeiros que fizeram conhecidos estes escriptos na Europa, conceberam pelo seu auctor.

Suas doutrinas eram simples e fundadas sobre a natureza do homem. Elle proprio o disse a seus discipulos: «*A minha doutrina é simples e facil de penetrar*(1).» Ao que um d'estes acrescentava: «A doutrina do nosso mestre consiste unicamente em possuir a rectidão do coração e amar o proximo como a nós mesmos(2).»

KHOUNG-TSEU não dava esta doutrina como nova, mas como um deposito tradicional dos sabios da antiguidade, que elle se havia imposto a missão de transmittir á posteridade(3), o que effectivamente



Khoung-Tseu (Confucio).

desempenhou com coragem, dignidade e perseverança, atravez de muitos desgostos por que o fizeram passar. Em toda a parte é necessario que aquelles que se votam á felicidade da humanidade esgotem o calix da amargura!

A sua philosophia não consistia em especulações mais ou menos vãs; era uma philosophia sobre tudo pratica, estendendo-se a todas as condições da vida, a todas as relações da existencia social. O seu grande fim, o fim, por assim dizer, unico, era *a purificação constante de si mesmo e dos outros homens;* DE SI PRIMEIRO, EM SEGUIDA DOS OUTROS. A purificação ou aperfeiçoamento de si mesmo é de uma necessidade absoluta para chegar á purificação ou aperfeiçoamento dos outros. Quanto mais elevado é o logar que a pessoa occupa, tanto maiores se tornam os deveres da purificação de si mesmo. Eis porque KHOUNG-TSEU considerava o governo dos homens como a mais alta e importante missão que se possa conferir a um mortal, como um verdadeiro *mandato celeste*. O estudo do coração humano e a historia tinham-lhe dito que o poder pervertia os homens quando estes não sabiam defender-se de seus prestigios, que suas tendencias permanentes eram o abuso da força e a oppressão. É porque os escriptos do philosopho chinez, como todos os de seus discipulos, tem um caracter tão eminentemente politico e moral. A vida de KHOUNG-TSEU resume-se toda em aconselhar os principes do seu tempo, a fazer-lhes conhecer seus deveres na difficil missão de governar os povos e tornal-os felizes. Vemol-o constantemente mais occupado em acautelar os povos contra as paixões e a tyrannia dos reis, do que estes contra as paixões e as turbulencias dos povos; não que olhasse os ultimos como tendo menos precisão de conhecer seus deveres e cumpril-os, mas porque considerava os reis como os unicos responsaveis do bem e do mal publicos, da prosperidade ou miseria das populações, cuja direcção e governo lhes haviam sido confiados.

(Continúa.)

A philosophia triumpha facilmente dos males passados e futuros; mas os males presentes triumpham d'ella.

(1) Lûn-yù, cap. IV, § 15.
(2) Id. § 16.
(3) Lûn-yù, cap. VII, § 1, 19.

O JUIZO FINAL DE MIGUEL ANGELO.

A pintura, considerada como arte d'imitar as profunduras do espaço, ou os effeitos magicos da luz e das côres, não é a pintura de Miguel Angelo. Entre Paulo Véronese, ou Corregio, e elle, nada ha de commum. Desprezando, como Alfieri, tudo quanto é accessorio, tudo que é merito secundario, propoz-se unicamente a pintar o homem.

Raras vezes convem á pintura admittir figuras inteiramente nuas. Deve traduzir as paixões pelos olhos e physionomia, de preferencia á fórma dos musculos. O seu triumpho é o escorço e as côres das roupas, e o claro-escuro seu mais poderoso encanto.

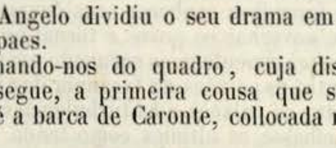
Os pintores que não podem crear copiam estatuas. Miguel Angelo mereceria as exprobrações que se lhe dirigem, se, como elles, não tivesse passado do *não-agradavel*; mas Miguel Angelo foi até ao *terrivel*, e as figuras do *Juizo final* não tinham, ainda até então, sido vistas em parte alguma.

O primeiro aspecto d'esta parede immensa, toda coberta de figuras nuas, não é agradavel. No infinito quadro da natureza nunca um tal conjuncto feriu nossos olhos. Uma figura nua, isolada, presta-se com facilidade á expressão das mais sublimes qualidades. Podêmos considerar minuciosamente a fórma de cada parte, e deixar-nos seduzir pela sua belleza: é pela fórma dos musculos em repouso que se traduzem as disposições da alma. Se uma bella figura nua não nos transporta pelo sentimento do sublime, acorda-nos idéas voluptuosas. Uma deliciosa incerteza entre estas duas situações da alma move nossos corações á vista das *Graças* de Canova. Sem duvida, uma bella figura nua é o triumpho da sculptura; este genero convem tambem muito á pintura; mas não é prudente apresentar mais de tres ou quatro figuras assim. A maior inimiga da voluptuosidade é a indecencia; por outro lado, distrahido pela fórma dos musculos, o espectador não attende á expressão dos sentimentos, e similhante distracção, na pintura, é de mui pouca vida.

Uma unica figura nua dirige-se, seguramente, ao que ha de mais terno e delicado na alma; uma collecção de muitas figuras nuas tem alguma cousa de offensivo e grosseiro. O primeiro aspecto do *Juizo final* produziu em mim o mesmo sentimento que excitou Catharina II no dia em que subiu ao throno, quando, entrando nas casernas do regimento das guardas, todos os soldados apenas meio vestidos correram a vê-la. Mas este sentimento, quasi machinal, desapparece depressa, porque o espirito logo adverte que era impossivel que a acção se passasse d'outro modo.

Miguel Angelo dividiu o seu drama em onze scenas principaes.

Aproximando-nos do quadro, cuja disposição é como se segue, a primeira cousa que se offerece aos olhos é a barca de Caronte, collocada no centro.



A esquerda está o purgatorio; em seguida o primeiro grupo: os mortos, acordados na poeira dos tumulos pela terrivel trombeta, sacodem suas mortalhas e revestem-se de carnes. Alguns mostram ainda seus ossos descarnados, outros, sempre opprimidos pelo somno de tantos seculos, apenas deitam a cabeça fóra da terra; quasi no angulo, uma figura levanta com esforço a lapida do tumulo. O frade que, com a mão esquerda, mostra o terrivel juizo, é o retrato de Miguel Angelo.

Este grupo liga-se ao seguinte por figuras que por si mesmas sobem ao julgamento; elevam-se com mais ou menos facilidade, segundo a somma e peso dos peccados de que vão dar conta. Para mostrar que o christianismo penetrou até ás Indias, uma figura atira para o ceo com dois indios, um dos quaes está vestido de frade. N'este segundo grupo distingue-se uma figura sublime, soccorrendo com mão amiga um peccador, cuja cabeça, no meio do mais cruel tormento, dirige, comtudo, para o Christo, olhos de piedade e esperança.

O terceiro grupo, á direita do Christo, é inteiramente composto de mulheres, cujas apparencias accusam vigor e frescura de vida. Ha, apenas, duas idosas, e uma só quasi nua. Todas fallam. A cabeça verdadeiramente bella d'este grupo é a d'uma mãe que protege sua filha assustada, e olha para o Christo com uma nobre confiança. Em todo o quadro é a unica figura que não está transportada de terror. Esta mãe lembra o grupo de Niobé.

O quarto grupo, collocado superiormente ao precedente, compõe-se de seres estranhos á acção: são anjos conduzindo em triumpho os instrumentos da paixão. A mesma scena representa o quinto grupo no angulo do quadro, á direita.

A esquerda do Salvador está o triumpho de Miguel Angelo: é o quadro dos bemaventurados, todos homens, onde avulta a figura d'Enoch. Ha dois grupos que se abraçam: são parentes que se reconhecem. Que momento! tornarem a ver-se depois de tantos seculos! E de crer que os padres (do seculo XV) stigmatisassem este transporte, suppondo-lhe motivos vergonhosos.

O setimo grupo bastaria para gravar profundamente na memoria do mais frio e gelado espectador o nome de Miguel Angelo. Jámais pintor algum chegou tão alto, e se viu espectaculo tão horrivel.

São os desgraçados proscriptos, arrastados ao supplicio pelos anjos rebeldes. Buonarotti traduziu em pintura as negras imagens que a eloquencia febril de Savonarole tinha gravado na sua alma. Escolheu um exemplo em cada um dos *peccados capitaes*. O horror d'estes supplicios attingem ao verdadeiro sublime do genero.

Um dos condemnados parece ter querido escapar-se. Dois demonios o arrastam, e uma enorme serpente o atormenta. É a imagem mais horrivel do desespêro. Bastava este grupo para immortalisar um artista. Nem entre os gregos, nem entre os modernos se produziu obra similhante. Conheci mulheres que, pelo espaço de oito dias, não poderam dormir, com a visão d'esta figura representada na imaginação. É inutil fallar do merito da execução. Estamos separados pela immensidade da perfeição vulgar.

Miguel Angelo suppoz que os condemnados, para chegarem ao inferno, deviam passar na barca de Caronte: assistimos ao desembarque. Caronte, com os olhos accesos em colera, expelle-os energicamente da barca com um remo. Os demonios agarram-os e os prendem por entre mil violencias.

Consulta-se Minos. É a figura de messer Biaggio, um dos criticos de Miguel Angelo. (1) Com o dedo

(1) Messer Biaggio era mestre de ceremonias de Paulo III. Quando este foi ver o *Juizo*, então ainda por acabar, messer Biaggio disse-lhe que uma tal obra era mais digna de figurar n'uma hospedaria, do que na capella d'um papa. Apenas Sua Santidade saiu, Miguel Angelo fez logo de memoria o retrato de messer Biaggio, e o collocou no inferno sob a figura de Minos. Grandes queixas do mestre de ceremonias, a que Paulo III respondia sempre com estas palavras: « Messer Biaggio, mui bem sabeis que recebi de Deus um poder absoluto no ceo e na terra, mas no inferno nada posso: portanto, ficae ahi. »

indica o logar que os desgraçados devem occupar nas chammas, que ao longe se vê. Comtudo, messer Biaggio tem orelhas de burro; está collocado, não sem intenção, directamente por baixo da punição d'um vicio infame. Uma serpente, enrolada em torno de seu corpo, o morde cruelmente, e indica o caminho que o conduziu ao inferno. O ideal d'estes demonios é quasi tão difficil de achar como o ideal d'Apollo.

A caverna que se nota á esquerda da barca de Caronte representa o purgatorio, onde estão apenas alguns diabos desesperados de não ficarem com alguem para atormentarem. Os ultimos peccadores ahi existentes são tirados pelos anjos, que com elles se escapam, não obstante as tentativas dos demonios para os reterem. Este pensamento forneceu a Miguel Angelo dois grupos soberbos.

Por cima do horroroso piloto está o grupo dos sete anjos com suas terriveis trombetas acordando os mortos. Tem comsigo alguns doutores encarregados de mostrar aos condemnados a lei condemnatoria, e aos resuscitados a regra pela qual serão julgados.

Chegados, em fim, ao decimo segundo grupo, vemos Jesus Christo representado no momento em que pronuncia a terrivel sentença. O maior terror gela todos que o cercam; a Madona volta a cabeça e treme. A sua direita divisa-se a figura magestosa de Adão. Immerso no egoismo dos grandes perigos, nem sequer pensa em todos estes homens que são seus descendentes. Seu filho Abel o retem pelo braço. Proximo da sua mão esquerda vê-se um d'esses patriarchas antidiluvianos, que contavam os seus annos por seculos, curvado pela extrema velhice.

Á esquerda do Christo, S. Pedro, fiel ao seu timido caracter, apresenta ao Salvador as chaves do ceo.

Moysés, guerreiro e legislador, olha fixamente o Christo com uma attenção tão profunda, quanto isenta de terror. Os santos que estão em cima tem um movimento cheio de tanta natureza e verdade, que nos faz estender os braços e applicar o ouvido, como á espera d'um grande acontecimento.

Por baixo do Christo, S. Bartholomeu mostra-lhe a faca com que foi esfolado; S. Lourenço cobre-se com a grelha sobre a qual expirou. Uma mulher, collocada debaixo das chaves de S. Pedro, parece exprobrar a severidade do Christo.

Jesus Christo não é um juiz; é um inimigo repassado do prazer de condemnar seus inimigos. O movimento com que maldiz é tão forte, que nem o proprio Jupiter lançando raios.

Entre os onze grupos principaes, apercebem-se algumas figuras n'um plano mais afastado; por exemplo, por cima dos mortos que sáem da terra, duas figuras que sobem ao julgamento.

As personagens dos tres grupos da parte inferior do quadro tem seis pés de proporção. As que cercam Jesus Christo, doze pés. Os grupos de baixo, oito pés de proporção. Os anjos que coroam o quadro tem, apenas, seis pés.

Das onze scenas d'este grande drama, só tres se passam na terra. As outras operam-se sobre nuvens, mais ou menos approximadas do espectador. O numero dos personagsns eleva-se a trezentos; o quadro tem cincoenta pés de alto, sobre quarenta de largo.

O colorido não tem, por certo, nem o brilho, nem a verdade da eschola de Veneza; mas no seu todo apresenta uma harmonia admiravel. As figuras destacam-se sobre um azul celeste muito vivo. Effectivamente, no grande dia em que tantos homens hão de ser vistos, o ar deve estar muito puro.

As figuras da parte inferior são as mais trabalhadas. Os anjos que tocam as trombetas estão acabados com tanto cuidado, que nem para um quadro de cavallete.

A eschola de Raphael admirava muito o anjo do centro, que estende o braço esquerdo. Sente-se, reconhece-se assaz, a difficuldade reunida na figura de Adão, que, possuindo os mais robustos e bem formados musculos, demonstra, não obstante, a extrema velhice a que chegou o primeiro dos homens. A pelle cáe.

O assumpto do *Juizo final*, como todos os que exigem mais de oito ou dez personagens, não convem á pintura. Ha uma grande difficuldade a vencer, qual é de empregar o immenso numero de personagens, de que carece, em mais alguma cousa do que escutar. Miguel Angelo, porém, venceu perfeitamente esta difficuldade.

A poesia com que Miguel Angelo tratou o seu assumpto está infinitamente superior ao juizo final dos nossos artistas do seculo XIX. Elles fallam do quadro com desprezo, e seriam hypocritas se fallassem d'outro modo. O sentimento nasce de condão natural; não se póde impor ou incutir; portanto, não responderei ás objecções.

STENDHAL.

A AGUA ENTRE OS ANTIGOS.

De todos os agentes da natureza, a agua e o fogo são os que mais vasto logar occupam nas concepções theogonicas e cosmogonicas dos antigos, os que servem de base a todo o seu edificio philosophico e religioso. Eis a sua theoria:

A agua, pela sua natureza fria e humida, é o elemento passivo primordial, a noite, a materia inerte e confusa, o cahos, o principio feminino, o receptaculo dos germens, o elemento da gestação e da producção. O fogo, ao contrario, é o elemento creador, organisador e fecundador. Mas o fogo, em ultima analyse, é o ponto de partida de todas as cousas, a origem, a fonte d'onde tudo nasce. O fogo, pois, é androgyno; mas o principio masculino é quem domina na sua natureza, e eis-aqui porque todas as altas divindades se desdobram n'uma divindade feminina.

D'este grande androgynismo dimana tudo, tudo procede por emanação.

A lua é o elemento feminino do fogo, representado pelo sol, mas individualisado n'uma esphera menos elevada; a terra é ainda a lua localisada na parte mais baixa do espaço. A atmosphera terrestre, as aguas marinhas e fluviaes, são outras tantas fórmas do principio feminino e gerador, em quanto que o ether, camada superior da atmosphera, é masculino como o sol que elle envolve de suas ondas limpidas e luminosas.

Tal é a grande escala da creação.

Do sol escapam-se todos os germens, que, atravessando o puro ether, vão dividir-se e pousar na lua, a qual os envia depois para a terra, que os aquece em seu maternal seio, e os transforma finalmente no mundo sensivel, sob todas as fórmas de seres organicos e inorganicos.

Primitivamente admittia-se, com o androgynismo dos dois principios, a coexistencia, a coeternidade; mais tarde, julgou-se, considerando o poder intrinséco e o poder da anterioridade, que ora predomina um, ora outro.

É assim que se explica o antagonismo dos diversos systemas de philosophia.

A agua, bem como o fogo, receberam desde então, em todas as partes do globo, as homenagens dos homens. A India venera ainda as aguas fecundas do Ganges; o Egypto divinisou o Nilo; os gregos tributaram honras divinas aos ribeiros, ás fontes, aos rios, aos mares. Os slavos, os germanos e os celtas adoraram o Vistula, o Dnieper, o Bug, o Rhici, etc.

Os gregos mettiam na agua das fontes os pés das noivas para lhes assegurar que teriam uma posteridade numerosa. Mas nada d'isto admira, quando em pleno seculo dezenove se alimentam ainda tão absurdas crenças. Em Poitou os habitantes da antiga villa celtica d'Exoudun levam, com o mesmo intento, as noivas á fonte d'Izarnay.

A BALÊA E OS GREGOS.

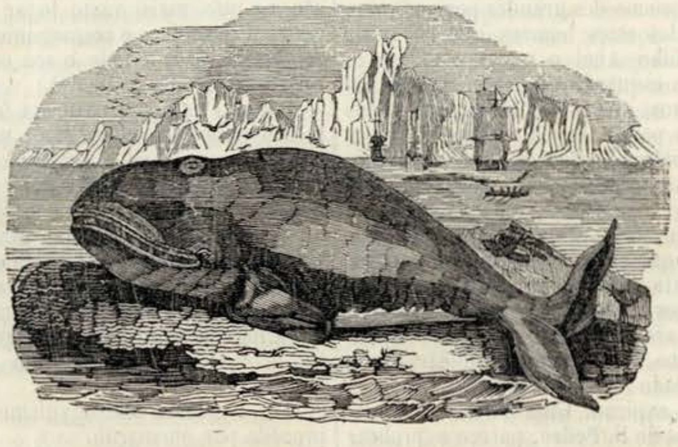
A balêa, a phoca, o bacalhão, o atum, o solho, o salmão, o arenque, a sarda e a ostra, eis-aqui os principaes tributarios da grande pesca. É esta larga industria que fórma os navegadores, que assegura ás marinhas de guerra um pessoal exercitado, intrepido, que enriquece os estados habeis e os habilita a infinitos recursos.

A primeira d'estas pescas, pela ordem da importancia, era a da balêa, monstruoso cetaceo cujo comprimento é, ordinariamente, de trinta e cinco metros, pouco mais ou menos. Algumas ha do duplo. É nos mares polares que hoje se procura mais.

A pesca da balêa, facto curioso e geralmente desconhecido, fazia-se outr'ora no Mediterraneo. Os gregos foram n'ella eminentes, e possuiam armas apropriadas á fórma d'este cetaceo, com as quaes mui destra e promptamente se assenhoreavam d'elle. Os sabichões pretendem que o nome de *balêa* descende em linha recta das duas palavras phenicias *baal nun*, peixe-rei. Os phenicios deviam, com effeito, ser os primeiros pescadores do Mediterraneo, pois que foram os primeiros navegadores.

Os livros santos fallam da balêa, que os judeus conheciam por a terem visto em suas costas. Aristoteles descreveu a pequena balêa. Comtudo, é necessario reconhecer que as balêas do mar Egeo e rios phenicios não eram de grandes dimensões. O almirante de Alexandre o Grande, Néarca, só no golpho arabico, hoje mar Vermelho, encontrou grandes balêas, por signal, em numero tão prodigioso, e lançando torrentes d'agua tão grossas e elevadas, que, receiando algum desastre, principiou a ensaiar diversos meios para pôr em fuga os enormes cetaceos, o que só conseguiu quando mandou tocar as trombetas.

É um grego que falla, verdade é, mas no fundo d'estas exaggerações alguma cousa ha de incontestavel. No tempo d'Alexandre, houve, com effeito, mui-



A Balêa.

tas balêas no mar vermelho, apparecendo aos bandos, o que, nos nossos dias, se observa ainda no grande Oceano equinoccial.

Pouco a pouco os cetaceos diminuiram de numero, caçados pelos maritimos da Grecia e da Italia; comtudo, no tempo d'Eliano, usava-se ainda das barbas da balêa para fabricar as peças elasticas das machinas de guerra. Comia-se tambem da sua carne, que Xenocrates considerava como máo alimento. Mas não se tome a palavra balêa ao pé da letra grega, porque os gregos davam este nome a todos os peixes volumosos.

Entre estes *cètes*, uma unica especie mereceu o respeito dos gregos: foram os golfinhos, nos quaes suppunham costumes sociaes, a faculdade de chorarem, uma sensibilidade profunda, e uma grande sympathia pela especie humana. Esopo e Lafontaine contam-nos o desprezo d'aquelle golfinho do Pireo, que salvou um macaco, tomando-o por um homem. O golfinho amava a musica, como o testimunhou o melodioso Ario. Estas qualidades humanas, porém, não admiravam os gregos, porque, a seus olhos, os golfinhos eram nauticos pyrrhenios metamorphoseados por Baccho. Nas *Pedras gravadas* de Stosch ha um golfinho com cabeça de homem barbudo. O golfinho foi consagrado a Baccho, o que significava, porque cada uma d'estas engenhosas ficções tem seu sentido pratico, que o vinho e a agua do mar formam uma excellente mistura. Era a opinião dos gregos: entre gostos e côres não ha disputas.

A balêa habita principalmente nos mares polares do Norte, e, nos mares austraes, nas alturas da Nova-Zelandia e da Nova-Caledonia; encontra-se tambem nos estreitos de Behring e de Davis. A pesca d'este cetaceo foi praticada pelos normandos, islandezes e norwegianos, desde o seculo IX. Hoje está monopolisada pelos americanos da União; em 1852 occupavam os Estados-Unidos cêrca de 750 navios, contendo 25,000 marinheiros.

As armas aggressivas contra a balêa, lanças e harpeos, são ainda os mesmos que outr'ora se empregavam, e é em vão que o genio moderno pretende crear novos instrumentos. O que ultimamente se tem feito, como novas peças particulares para despedir os harpeos, não passa de uma curiosidade mui pouco pratica.

Não descrevemos a pesca, por ser assumpto já muito vulgarisado.

A felicidade do corpo consiste na saude, e a do espirito na cultura da virtude.

Explicação do enigma do numero antecedente.

De dia para dia augmentam os fumantes.

LISBOA — Typographia de Castro & Irmão Rua da Boa-Vista 4 F.